

# Sem medo do futuro

Com os jovens liderando uma revolução tecnológica, instituições precisam se adaptar a um novo perfil de universitários.

*Filipe Jahn*

A revolução das novas tecnologias nos dias de hoje já pode ser considerada uma discussão clichê. No entanto, exemplos interessantes de aplicações tecnológicas na área da educação ainda são raros no Brasil. Poucas instituições desenvolvem projetos no sentido de atualizar o processo de ensino, permitindo uma formação de profissionais mais adequada ao perfil dos atuais universitários.

É justamente a transformação no perfil dos jovens que explica a força e a influência da revolução tecnológica. Eles são os maiores consumidores, que melhor se adaptam às rápidas mudanças de produtos e serviços e o alvo das ações publicitárias de novos aparatos tecnológicos.

Uma pesquisa elaborada no país pela filial brasileira da Interactive Advertising Bureau (IAB), em parceria com a comScore, e publicada em maio deste ano, confirma a constatação: 47% dos entrevistados na faixa entre 15 e 24 anos considera a internet a mídia mais importante, em contraste com 28% que dão mais importância à televisão. E por incrível que possa parecer, a internet já tomou o lugar da tradicional telinha na preferência dos brasileiros. Do total de entrevistados, 40% passam pelo menos duas horas por dia navegando na rede mundial por meio dos diversos dispositivos possíveis, de computadores pessoais a smartphones, enquanto somente 25% deles gastam o mesmo tempo em frente à televisão.

Marcos Calliari, sócio da agência Na Mosca, especializada em marketing jovem, avalia que o interesse dos universitários pelas novidades tecnológicas já serve como um facilitador para promover mudanças estruturais e pedagógicas nas instituições. Calliari, que conduziu uma pesquisa com universitários de diversas capitais do país, lamenta no entanto o atraso na utilização desses novos recursos no ensino superior.

Segundo o especialista, boa parte das instituições ainda estabelece metas insuficientes, como ter uma boa conexão wi-fi ou oferecer laboratórios bem equipados. "Bons programas precisam saber aliar as novas tendências com o projeto pedagógico da instituição", explica.

## **Conhecimento de causa**

De fato não há dúvidas de que as tecnologias de informação já fazem parte da cultura dessa geração mais do que em qualquer outra. Porém ter em mãos e oferecer qualquer ferramenta sem antes definir como ela será utilizada provoca pouca ou nenhuma diferença no aprendizado.

De acordo com o professor da Universidade de São Paulo (USP) José Dutra Neto, especialista em sistemas de informação e tecnologias de aprendizagem, estudos comparativos entre classes tradicionais e classes tecnológicas mostram que, sem planejamento sobre o processo, não existem diferenças educacionais significativas.

Claro que, ao usar uma ferramenta nova, a possibilidade de estabelecer uma interação diferente e comunicação mais acessível entre professor e aluno aumenta

consideravelmente, mas se trata de uma relação que logo esgota seus êxitos. "A tecnologia não deve ser encarada como a solução e sim um meio para atingir uma solução", aponta o professor.

Nessa perspectiva, as instituições de ensino superior primeiro precisam compreender os motivos pelos quais as tecnologias de comunicação e informação podem favorecer os alunos na disciplina ou curso proposto. Só a partir daí colocar em prática estratégias educacionais com elas disponíveis.

### **Pontapé inicial**

Algumas iniciativas que já acontecem nesse sentido se valem da implantação gradativa de novos aparatos tecnológicos. Quatro anos atrás, ao dar início à reestruturação de seu modelo de ensino, a Universidade Estácio de Sá começou a investir na transformação do seu conteúdo para on-line. Até então, os alunos recebiam o material didático impresso, que era utilizado durante todo o curso.

Pedro Graça, diretor de marketing do grupo, afirma que esse início foi extremamente importante, pois serviu como base para todas as mudanças posteriores. "Para ter algo realmente novo, precisávamos estabelecer um conteúdo atualizado do que seria oferecido", diz. Em seguida, a Estácio montou uma nova estrutura, exclusiva para a web, em que o aluno acessa um ambiente virtual e encontra, além da bibliografia selecionada, exercícios, simulados e exemplos de atividades.

Há um ano a reestruturação chegou a um novo patamar, ao serem adotados dispositivos tablets. Naquele momento, seis mil aparelhos foram distribuídos exclusivamente para os estudantes do curso de direito. Hoje já são 22.500 desses dispositivos que chegam às mãos de estudantes de diversos cursos, inclusive tecnológicos.

Nessa ação, os alunos recebem o tablet e um cartão 3G para acessar a internet. Através dele, é possível acessar toda a estrutura do ambiente virtual, o que inclui uma biblioteca com mais de três mil obras disponíveis para download.

O objetivo central de toda a reestruturação, a modificação do ensino na Estácio, já começa a ser detectado. Maria de Fátima Alves, coordenadora do curso de direito da instituição, aponta algumas das mudanças: aulas mais dinâmicas e mais analíticas, em que se passa mais tempo discutindo casos concretos do que os expondo.

Isso porque as mudanças permitiram que os alunos tivessem acesso mais fácil ao conteúdo proposto, o que gerou mais cobrança por parte dos professores. "Eles precisam chegar com uma noção do que vamos discutir, porque as aulas servem para ampliar o que foi estudado", explica Maria de Fátima.

### **Apoio pedagógico**

Já na Faculdade Área 1, em Salvador, as soluções tecnológicas auxiliam os alunos recém-chegados. Isso porque a instituição, que oferece apenas cursos na área de engenharia, costuma ter problemas com os diferentes níveis de conhecimento em matemática que eles apresentam.

A estratégia foi utilizar uma ferramenta específica para o aperfeiçoamento dos conhecimentos na disciplina em questão. Por meio do MyMathLab, desenvolvido

pela Pearson, o estudante tem acesso aos conceitos matemáticos e a um banco de exercícios. A plataforma funciona como um suporte para o desenvolvimento coletivo do ensino.

Ao acessar a página do MyMathLab, o estudante da Área 1 encontra uma série de exercícios propostos por um monitor da instituição. No caso de desempenho insuficiente, o programa mostra as falhas, exemplos parecidos com os quais ele errou e não permite que ele passe para a próxima fase. Além disso, o monitor possui acesso exclusivo que lhe permite propor novas séries de exercícios, acompanhar o rendimento individual e coletivo e auxiliar as dificuldades que aparecem durante o processo.

Rosely Pestana, coordenadora do projeto na Faculdade Área 1, assegura que em pouco tempo os resultados surgiram. Uma análise constatou que, após a implantação do MyMathLab, houve um aumento e um nivelamento da média das notas das turmas, além de os alunos estarem mais dispostos a aprender o conteúdo. "Nosso grande resultado foi oferecer ao estudante mais autonomia e estimular a iniciativa, sem diminuir a exigência", comenta Rosely.

### **Informação democrática**

No caso da ESPM, as adaptações a esse novo perfil do estudante surgiram com a noção de que o modelo pedagógico centrado apenas em aulas expositivas, pouco interativas, estava superado. Assim, a partir de 2005, todas as salas de aula ganharam computadores e passaram a contar com wi-fi, intensificou-se a digitalização de documentos pedagógicos e foi contratado o sistema de gerenciamento do aprendizado da norte-americana Blackboard.

Nesse sistema, uma das principais plataformas direcionadas aos alunos, conhecida como Learn, funciona como um ambiente virtual, no qual é possível receber e emitir avisos e tarefas para outros usuários, pesquisar na web, armazenar documentos, conferir o calendário do curso, criar e participar de fóruns de discussão, assim como de salas de bate-papo.

José Francisco Vinci de Moraes, professor e coordenador do Núcleo de Tecnologias Mistas de Aprendizado da ESPM, confirma as facilidades decorrentes do sistema implantado e considera que elas serviram especialmente para democratizar a informação, ao apresentar caminhos que não dependem apenas do repertório do professor ou da bibliografia do curso.

Mas para que o corpo docente entendesse as melhores maneiras de usar as ferramentas e desse mais flexibilidade de espaço e tempo de aprendizagem, a instituição promoveu cursos de capacitação. "Para um público tão diversificado e dinâmico, o processo de ensino precisa ser parecido, sem perder de vista os propósitos da educação", nota José Francisco.

### **Novos paradigmas**

Contudo, ainda que essas experiências já estejam produzindo bons resultados, a natureza dessa revolução fornece inovações tecnológicas mais rápidas do que as instituições e professores conseguem acompanhar.

A necessidade de estar na vanguarda das novas tendências pode ser essencial para uma forma de ensino que estabelece relações de identificação com o universo do público universitário. Mas como qualquer novidade exige na área exigem, além de um bom discernimento, formação contínua.

Por um lado, o desafio maior costuma ser dos professores, em contato direto com um público que costuma dominar as novidades. Segundo Marcos Calliari, para qualquer instituição com interesse em uma estrutura baseada no que está em voga, um plano de capacitação para seu corpo docente é indispensável. "Ter o que há de mais novo sem profissionais que saibam tirar o melhor proveito disso não traz resultado", expõe.

A opinião é compartilhada por Carlos Araújo, diretor do campus virtual da universidade Cruzeiro do Sul. Ele crê que todos os casos de sucesso que envolveram grandes inovações tecnológicas tiveram como alicerce o corpo docente. "Isso é fundamental para definir a potencialidade de qualquer programa", esclarece.

Já na outra ponta está o cuidado que as instituições de ensino superior precisam ter para não embarcar em qualquer novidade apresentada como solução de todos os problemas para a educação.

O professor José Dutra Neto lembra que como a tecnologia torna-se ultrapassada muito rápido, há um desejo de substituí-la constantemente. Porém, isso deve ser feito somente depois que a instituição examinar as consequências da troca. "A tecnologia substituta deve manter sempre o mesmo papel no trinômio ferramenta instrucional, estratégia educacional e modelo pedagógico", adverte.

É difícil negar o consenso sobre a impossibilidade do ensino universitário sem o uso de soluções tecnológicas. Elas não garantem o aprendizado, mas produzem vantagens ao alcance de quem as compreende. Se o problema costuma ser a dificuldade em se adaptar às constantes mudanças, o primeiro passo é não ter medo do futuro.

### **A pergunta adequada**

Nos Estados Unidos, com a popularização dos smartphones, uma das novas tendências para soluções tecnológicas na educação são os aplicativos. Um dos que têm chamado a atenção de universidades como Michigan e Plymouth State é o Remind101, com cerca de 200 mil usuários. O recurso é um serviço gratuito que permite a troca de mensagens e arquivos entre estudantes e professores. Brett Kopf, um dos inventores do aplicativo, diz que a ideia surgiu depois de conversar com uma centena de professores. "Para solucionar problemas em sala de aula, o ideal é fazer a pergunta certa ao professor e escutá-lo", define.

### **O novo perfil universitário**

A pesquisa de Marcos Calliari, chamada Painel Universitário, foi feita em 2011 com 784 alunos do ensino superior de cinco cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte e Curitiba. Os resultados foram apresentados nas Jornadas Regionais Simesp, que já passaram por Santos, Campinas, Bauru, São José dos Campos e São José do Rio Preto. O estudo mostrou que o notebook e o celular estão entre os itens de consumo mais desejados, apontados por 28% e 25% dos entrevistados, respectivamente. A pesquisa também verificou que os jovens estão cada vez mais imersos nas tecnologias de informação. Das atividades do cotidiano mais praticadas, falar ao celular é a mais comum, com uma média de 26 vezes por semana, seguida por enviar e receber e-mail (20 vezes) e enviar mensagens de texto pelo celular (16 vezes).

## **Análise de resultados**

As novas tecnologias também auxiliam gestores a traçar o perfil dos alunos de uma instituição ou curso, permitindo fundamentar mudanças em programas curriculares de acordo com o público específico. A Universidade Paulista (Unip), que possui uma equipe de aproximadamente 400 funcionários em todo o país para cuidar somente das questões relativas às novas tecnologias, também faz uso da plataforma Blackboard Analytics para auxiliar inclusive nas decisões referentes aos rumos da metodologia usada em sala de aula. Marcelo Souza, diretor de tecnologia da universidade, diz que, em curto prazo, a implantação dessas ferramentas e verificação das estatísticas deram oportunidade aos professores e coordenadores de desenvolverem uma competência de estrategistas sobre suas disciplinas e cursos. Isso porque esses profissionais passaram a ter um suporte que mostra, à medida e frequência do desejado, o rumo que as turmas tomam. "Eles conseguem organizar e formatar aulas e conteúdo de modo que possam atuar de forma mais produtiva", completa Marcelo.

Fonte: <http://revistaensinosuperior.uol.com.br/textos.asp?codigo=12955>